

VERÃO II

Duílio Gomes *

pequena introdução caótica

E agora é o tempo das bananas, das mornas e leves constelações de insetos, dos incongeláveis, dos inconfundíveis, dos incandescentes insetos, das insolações da gema e da clara e agora é tempo do ovo no sol, do ovosol, da ovação, da vertigem e do sonho do salmão, da morna e fina solidão, do dourado, solene verão de peixes, da neurose dos peixes, da insônia das pedras, da Babel, do grão-ducado, dos amassados jacintos na madrugada e agora

sou eu e agora somos nós e agora e agora: somos eu, somos o antisséptico, o antiro-de-guerra, as gordas estrelas pneumáticas, a chuva pluripétala de anjos, o azul matemático na piscina de sapos que nascem com o olho para a lua chinesa, as doces lesmas em

3/4

verão de búfalos no horizonte congelado das lanchonetes, na bandeira amarela do teu pesadelo refrigerado, Miller; verão fonético, de tamancos, 'verão verde girando, verão do lagarto envelhecendo no canto escuro do jardim, somos o que comemos falou o lagarto e respondeu para si mesmo somos o que bebemos e morreu no silêncio vegetal

mas somos também a febre, a espera, o esperma, a espuma, a esfera, o som, o fogo e

o parzingoto

(bicho verde do verão, chegou com as estrelas mecânicas, com as perfeitas estrelas da manhã cristalizada no teto de sua boca; o parzingoto me olha no meio de uma revoada de abelhas e há leite e natureza morta em seus olhos de cristal e tudo é mais-que-perfeito em seu passado e ele gira e observa tenso o movimento de um tango dançado por breves cavalos azuis na chuva leve e sem nuvens de um filme mudo; e nos entendemos melhor depois de duas cerejas conjugadas no verbo da língua e ligamos a autêntica amizade na neblina de sua avó transfigurada de felicidade; somos caóticos?, fala o parzingoto e espreguiça na beira da piscina;

(eu te fotografei na luz clara dos girassóis e

te consolei de toda possível matemática nas flores mas:

eu te perderia de bom grado se soubesse a idade ou o sexo dos anjos, eu te sei verde aprisionado em sua solidão vegetal, eu te sei me olhando com todos os olhos acesos de antialegría, de gestos tortos depois do amor que abre nuvens no chão de insetos eu sei como tosse um verdadeiro:

parzingoto quando a noite é de lírios imóveis e há um prenúncio de febre em nossos dedos que jamais se tocarão mas eu amo as coisas que crio e vejo no horizonte uma faixa oca e silenciosa descendo até o asfalto e cobrindo as bancas de jornais com o perfume da meia-noite; terminando:

o parzingoto é talvez um pouco mais quente do que os seus irmãos paragógicos: mas isso é apenas poesia: e transido de frio te esqueço.

* * *

* *Duílio Gomes reúne vinte e dois contos em seu primeiro livro de histórias curtas — “O Nascimento dos Leões” — que dentro em breve já estará nas livrarias. O livro recebeu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte para o ano de 1972. O segundo volume de contos de Duílio Gomes chama-se “Verde Suicida” e já se encontra aguardando publicação; traz mais vinte novas histórias do autor.*